

## A LINGUAGEM NA FORMAÇÃO CULTURAL DAS POPULAÇÕES RURAIS DA ZONA DA MATA MINEIRA

Gilson Soares Toledo  
Doutorado/UFF  
Orientador: Telma Cristina Pereira

### Introdução

Esta pesquisa se insere na Linha de Pesquisa História, Política e Contato Linguístico, do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), fruto do convênio interinstitucional entre esta universidade, o Instituto Federal do Sudeste de MG (IF Sudeste MG) e CAPES, iniciado no segundo semestre de 2015. A proposta deste trabalho é investigar as características culturais manifestadas através da linguagem de parte das populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais.

Para tanto, entende-se que, diante das especificidades características dos vários grupos sociais rurais existentes no Brasil, faz-se necessário dedicar-se ao estudo dos costumes, tradições e saberes consuetudinários que fazem parte da formação cultural e da identidade desses indivíduos, principalmente diante das grandes mudanças econômicas que, em certa medida, tem influenciado no processo de transformação da linguagem e da formação cultural das populações rurais do país. A interação destas populações com o espaço urbano e as construções culturais que advém dele, imprime um ritmo de vida que irá moldar suas relações em seus grupos sociais, especialmente ao nível das relações sociais no cotidiano.

Nesse sentido, de acordo com Cunha, Costa e Martelotta (2015), a linguagem apresenta mais de um sentido, no entanto muitos linguistas utilizam este conceito para referirem aos processos de comunicação. Portanto, neste estudo empenha-se em entender o fenômeno da linguagem, sobretudo em dar a devida atenção mais a forma e ao conteúdo apresentado no uso dela. Desta forma, busca-se analisar como a linguagem

---

se constitui nas populações rurais da região, acreditando que através dos conhecimentos da sociolinguística seja possível demonstrar a relação entre língua, cultura e sociedade. Considerando que a língua é uma instituição social, a sociolinguística estuda a língua em seu uso real, levando em consideração a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Notadamente, os indivíduos que pertencem a uma determinada comunidade partilham de várias experiências, o que resulta evidentemente em várias semelhanças e diferenças entre o modo como estes indivíduos falam, agem e se relacionam socialmente e os outros indivíduos inseridos em seus grupos sociais.

Para esta análise, pretende-se utilizar das noções da sociolinguística interacional, entendendo que esta área da sociolinguística possibilita perceber e analisar evidências que surgem na linguagem pela comunicação efetivada entre os indivíduos e o contexto em que estão inseridos. A partir deste fenômeno linguístico, a comunicação, pode-se observar como as pessoas reagem diante de determinadas situações que ocorrem nas interações face a face em determinados ambientes sociais.

Considerando o exposto, os fenômenos linguísticos que serão analisados ocorrem em comunidades rurais que se caracterizam por desenvolver atividade agropecuária com forte vínculo com o mercado e com a cidade, no entanto, ainda persistem características culturais de uma população rural tradicional. Tendo em vista tal especificidade, notou-se que estas comunidades possuem determinadas características que devem ser observadas uma vez que são constituídas por sujeitos reprodutores de determinados comportamentos sociais apresentados também através da linguagem.

### **Interface da Sociolinguística Interacional (SI), Análise da Conversa (AC) e Comunidade de Prática (CdP)**

Segundo Pereira (2002), nas pesquisas de campo que envolvem os conceitos da SI considera-se com frequência tanto a fala quanto o discurso como fontes de análises para compreender as conversações das unidades linguísticas. Neste sentido, a proposta desta pesquisa é aplicar conceitos da SI com interface na AC de uma CdP.

Em relação ao *corpus* escolhido, trata-se das conversas de algumas populações rurais da mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais. Parte destas populações desenvolvem práticas de interação comuns com os membros da família, entre a

---

vizinhança e os compadrios<sup>1</sup>, além de atividades menos regulares com empresas, igrejas, mercados, sindicato rural, associação de avicultores, etc., portanto convivem em lugares e instituições com considerável vínculo social e, alguns, de longa permanência, haja vista que boa parte das famílias já residem nestes espaços há muitos anos. Neste estudo, estas comunidades serão identificadas como CdP. Segundo Wenger (2012), considera-se CdP um grupo social em que seus participantes se envolvem em alguma atividade, trabalho, ação, etc., de forma intensa a fim de estabelecer práticas sociais compartilhadas tendo em vista o forte vínculo social, desenvolvido a partir de aprendizagens regulares, além do compartilhamento de objetivos comuns reconhecidos em suas atividades cotidianas.

Desta forma, segundo Goffman (1998a, 1998b), através das relações sociais desenvolvidas por um indivíduo em uma determinada comunidade, faz surgir diferentes modos dele se expressar em sua relação com o outro, consigo mesmo e com o seu discurso. Nesse sentido, como unidade de análise, optou-se pela CdP e nela já se obteve fragmentos de entrevista que serão transcritos a partir dos estudos da AC. De acordo com especialistas, o objetivo principal das pesquisas que utilizam a AC é

[...] a descrição e a explicação das competências que os falantes comuns usam e de que se valem para participar de interações inteligíveis e socialmente organizadas. Em sua forma mais básica, esse objetivo é descrever os procedimentos por meio dos quais os participantes produzem seus próprios comportamentos e entendimentos e por meio dos quais lidam com o comportamento dos outros. (HERITAGE; ATKINSON, 1984, p. 1)

Diante do exposto, Goffman ([1975]/2007) diz que é possível através da interação face a face realizar estudos que permitem compreender a dinâmica e a complexidade da vida em sociedade e esse tem sido um arcabouço interessante para os estudos que privilegiam os contextos espontâneos da vida cotidiana. De acordo com este autor, nas ações cotidianas que realizamos, nos constituímos também identitariamente e isto nos define como sujeitos no mundo. A partir delas negociamos significados, sustentamos ou negligenciamos mensagens, sempre considerando a plateia, aqueles que nos assistem, assim, considera que o outro ou os outros definem em boa medida nossas ações.

---

1 Termo que se refere a relação entre compadres. Esta relação é recorrente na região e acontece quase sempre entre membros da própria comunidade rural ou entre familiares.

---

Levando em conta essas ações, Goffman ([1964]/1998a) afirma também que, mesmo um pequeno fragmento de conversa apresentado de forma descomprometida e, a princípio, inocente, pode ser analisado a partir dos conhecimentos da Linguística e da Sociologia, sendo capaz de interpretar sentidos que advêm das interações sociais através dos discursos. Coadunando com esta perspectiva, alguns autores (KENDON, 1975; GUMPERZ, 1982; HAVE, 1985) compreendem que os significados, de fato, não são construídos *a priori*, mas notadamente são constituídos no processo da interação social, portanto se constroem no contexto, de forma muito dinâmica e complexa. É nesse sentido que a proposta desse trabalho também se enquadra, ou seja, na possibilidade de reconhecer nas interações sociais, detalhes muito sutis que favoreçam a identificação de características culturais de uma população com formas de convivência muito próprias.

Isto se evidenciou em dois momentos, sendo o primeiro a partir de entrevistas realizadas de janeiro a setembro de 2012, devido ao trabalho de mestrado realizado no mesmo ano cujo foco foi reconhecer as novas formas de sociabilidades das populações rurais da Zona da Mata mineira<sup>2</sup>. O segundo, foi de agosto de 2014 a fevereiro de 2015 onde foi realizado um diagnóstico dos estabelecimentos rurais de menor porte sob gestão familiar vinculados a produção integrada de frangos. Este trabalho envolveu interesses da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) tendo em vista o desenvolvimento de estratégias institucionais levando em consideração os aspectos da diversidade social, dinâmicas produtivas e desenvolvimento tecnológico na Zona da Mata Mineira. Nestas pesquisas deparou-se com formas próprias de dizer, comportamentos próprios, olhares e silêncios que se manifestaram através das conversas que aconteciam antes, durante e depois das entrevistas. Nestes momentos, não foi possível explorar todos os dados que se apresentaram através da linguagem ou dos comportamentos desses participantes.

Nesta pesquisa de doutorado, portanto, a proposta será realizar a AC que surgiu das entrevistas entre o pesquisador e as famílias de produtores integrados<sup>3</sup> da

<sup>2</sup>Disponível em: <<http://www.novoscursos.ufv.br/posgrad/ufv/posextensaorural/www/wp-content/uploads/2013/09/Gilson-Soares-Toledo.pdf>>. Acesso em 18 de agosto de 2016.

<sup>3</sup> De acordo com Paulilo (1990), a produção integrada é definida como uma forma de articulação vertical entre a empresa de produção agroindustrial e produtores agrícolas que possuem pequenas parcelas de terra. Uma vez que a produção integrada não exige vastas extensões para desenvolver esta atividade. Assim, o processo de produção funciona na forma industrial (ou próximo disso). Uma das características principais, portanto, é a aplicação de alta tecnologia no manejo com os animais. Os produtores integrados recebem insumos e orientação dos técnicos da integradora e produzem a matéria-prima exclusivamente para ela, mantendo assim um alto grau de dependência e perda considerável de autonomia. A partir dos estudos de Toledo (2012), verificou-se que a perda desta autonomia ocorre principalmente em relação às decisões dentro da dinâmica da produção, sobretudo em relação ao tempo destinado às outras atividades,

---

Zona da Mata de Minas Gerais (interlocutores), realizadas em um contexto muito específico, haja vista que era a primeira vez que esta população estava participando de um trabalho de pesquisa e, certamente, parte do que poderia ser dito, não foi, pelo menos nos primeiros contatos, uma vez que os vínculos de confiança ainda eram frágeis. Apesar disso, ao longo do trabalho de campo, foi possível que uma parte da análise ocorresse tanto nas conversas quanto na observação dos comportamentos, das interações e das sociabilidades<sup>4</sup>.

Além disso, tratava-se de um momento pouco favorável para estes produtores integrados, uma vez que a principal atividade econômica deles estava numa situação de fragilidade. A possibilidade de transferência de área de atuação da integradora estava na iminência de acontecer e estas famílias ficariam com muita dificuldade. Isto também era perceptível na fala, no olhar, no comportamento em geral das pessoas. A insegurança era evidente e ao mesmo tempo apresentavam um sentimento de frustração por tudo que foi investido, não só monetariamente, mas de fé, esforço, esperança e vida.

Parte do que está sendo apresentado, certamente pertence a um contexto muito amplo de análise e acredita-se que pode ser explorado devido ao tempo de convivência com os sujeitos da pesquisa, sobretudo a partir da confluência de dados que já foram e serão coletados ao longo do trabalho de campo e das leituras realizadas e por se realizar.

Analisando isso, notou-se, por exemplo que, mesmo sendo proprietários de suas terras, agiam como se fossem empregados de uma empresa, receosos de estarem sendo fiscalizados ou mesmo que as informações repassadas pudessem chegar onde não deveriam. Ou seja, para permanecer na integração, parecia ser necessário cumprir algumas regras sociais tácitas, entre elas, a omissão daquilo que, naquele momento, poderia estar desagradando esses produtores.

Na observação tanto das conversas quanto das repostas direcionadas feitas através das entrevistas, estas questões eram evidenciadas. Portanto, nos falantes havia certo receio em dizer algo que pudesse lhes comprometer enquanto produtores integrados. Trata-se de uma situação específica que os limitava quanto a liberdade de

---

uma vez que esse modelo de produção exige uma carga exaustiva de trabalho (em torno de 15 a 18h/dia), contribuindo significativamente para o encolhimento da participação dos integrados nos espaços comuns de sociabilidade.

4 De acordo com Simmel (1983), as sociabilidades podem ser identificadas a partir da sociação entre os indivíduos e esta se estrutura a partir dos conteúdos (sentimentos, emoções, etc.) e das formas (manhas, estratégias de conquistar ou de convencer, etc.). Estudos mais específicos sobre sociabilidade, ver em SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006

---

dizer o que pensavam ou sentiam, tendo em vista a dependência dessa relação de trabalho. Portanto, paradoxalmente, apesar de proprietários da força de trabalho e dos seus meios de produção (qual seja a terra, os galpões, as ferramentas, etc.), tinham um forte vínculo de submissão com a integradora. Dessa forma, agiam como se não fossem donos, mas empregados.

Levando em consideração estas observações, parece esclarecedora as observações de Erickson e Shultz ([1981]/2002) que, apesar de desenvolverem seus trabalhos a partir das interações em sala de aula, esses autores contribuem com suas análises entendendo que um fragmento de interação, realizado em determinado contexto, apresenta traços de um discurso. Portanto, o falante monitora sua fala de acordo com o contexto em que se encontra, sendo assim, ela não é de todo espontânea, segundo eles, o discurso existe para o outro.

Nesse sentido, de acordo com Heynes (apud ERICKSON; SHULTZ [1981]/2002), para se obter competência linguística faz-se necessário obter também a competência social. Uma vez que para interagirmos de maneira aceitável no grupo social em um determinado contexto, é preciso apresentar elocuições não apenas gramaticalmente corretas, sobretudo estas precisam estar devidamente apropriadas para cada situação. Estes autores entendem que determinado comportamento social exige do falante o reconhecimento do contexto em que está inserido. Portanto, na conversa, os envolvidos mudam o seu dizer a partir da mudança dos contextos, sendo que cada comportamento, elocuições ou mesmo silenciamentos, se adequam aos variados contextos. Sendo assim, a monitoração de contextos deve ser considerada essencial na competência social. Segundo eles

A produção de comportamento social apropriado a cada novo momento exige que saibamos, primeiramente, em que contexto nos encontramos e quando estes contextos mudam. Exige que se saiba também qual comportamento é considerado apropriado em cada um desses contextos. (ERICKSON;SCHULTZ, [1981]/2002, p. 143)

Estas análises são válidas a fim de compreender o fato de que os sujeitos aqui envolvidos, foram mudando o comportamento, a fala, a conversa, na medida em que os vínculos de confiança entre os interlocutores (entrevistador e entrevistados) foram se constituindo. Considerando a proposta de análise dos autores acima, quando a possibilidade de ameaça em relação as repostas dos indivíduos foram se tornando mais remotas, e esta convicção vai ganhando força (na fala e na consciência dos indivíduos),

---

naturalmente, o que deveria ser omitido, vem à tona. Estas evidências poderão, a princípio, ser observadas através da perspectiva de enquadres que serão expostos em trabalhos posteriores, em uma fase mais avançada desta pesquisa.

Para Goffman ([1974]/1986, p. 10), o enquadre consiste de “princípios organizacionais que governam os eventos – pelo menos os sociais – e nossa subjetividade”. Ele analisa este conceito a partir de situações envolvendo “falante” e “ouvinte”, entendendo que qualquer situação na interação face a face deve ser levada em conta, sobretudo a forma como os interlocutores sustentam o que dizem no encontro conversacional.

Contribuindo ainda com esta análise, McDermott (1976) diz que os indivíduos quando estão em interação tornam-se ambientes uns para os outros, desta forma, os contextos se constituem de acordo com o que as pessoas estão fazendo a cada momento. Portanto, um contexto social consiste na construção dos participantes de acordo com a natureza de determinada situação, levando em consideração o outro. Dessa forma a mudança de contexto é constante, assim como a mudança da posição do falante. Tratando então de uma CdP, as interações e os contextos são passíveis de serem analisados.

Nesse sentido, optou-se analisar as conversas das populações rurais da Zona da Mata de Minas Gerais entendendo se tratar de CdP, considerando como a unidade de análise mais adequada para compreensão dos aspectos linguísticos que serão abordados posteriormente.

Segundo Torma (2011), a CdP é definida pelas características internas, uma vez que o comprometimento e sentimento de pertencimento e processos identitários partem de seus membros. De acordo com Wenger (1988), para se trabalhar com a unidade de análise CdP, deve-se levar em consideração três dimensões. Primeiro, os membros desta comunidade precisam estar juntos nas práticas compartilhadas. Segundo, devem também compartilhar algum empreendimento negociado em comum, unindo-se por conta de um propósito e, terceiro, o seu repertório resulta das negociações internas.

A partir destas referências citadas, definiu-se os produtores integrados da Zona da Mata mineira como membros de uma CdP, uma vez que de fato compartilham tanto das práticas (agrícolas, religiosas, de lazer, etc.), quanto dos espaços de sociabilidade. Devido as excessivas horas de trabalho conferidas ao manejo com a integração, esta população constitui poucos espaços de sociabilidade, mas apesar disso, os

compartilham, assim como se ajudam mutuamente em algumas atividades desenvolvidas em suas propriedades e, por fim, os vínculos de amizade, pertencimento, compadrio e mesmo de trabalho, resultam das suas negociações internas.

Utilizando ainda as contribuições de Wenger (1998), o que torna possível a existência de uma CdP é justamente a consolidação de suas relações e isto implica na interação regular entre seus membros. O empreendimento negociado exige relações complexas que se tornam prática desta comunidade, desta forma, a compreensão das regras vai se evidenciando nas atividades cotidianas. Nesse sentido, pode-se também verificar tal característica na CdP em análise, haja vista que em diversas atividades como colheita, plantio, construção de instalações, chegada de insumos, batizado, casamento, festas de aniversário, pelada (jogos de futebol nos campinhos da comunidade), novenas (cerimônias religiosas realizadas em espaços domésticos), etc., os membros se interagem e negociam de forma recorrente.

Por fim, o repertório compartilhado entre esta CdP implica recursos linguísticos, rotinas linguísticas, discursos, gestos, terminologia especializada e termos específicos das práticas cotidianas. Dentre eles, é possível citar alguns no quadro abaixo:

Quadro 1 – Expressões da CdP produtores integrados ZM-MG

<i>panha dos frangos</i>	Dia em que os produtores integrados recolhem as aves para o abate na agroindústria.
<i>chegada do envelope</i>	Momento em que chega uma espécie de estrato do pagamento pelo trabalho desempenhado pelos integrados em um determinado período (definido como “lote”, em média, 45 dias). Neste envelope, além do pagamento, ainda vêm os consideráveis descontos emitidos pela integradora. Muitos desses descontos (ou talvez todos) não são bem esclarecidos.
<i>venda da cama</i>	Após a “ <i>panha dos frangos</i> ”, o galpão fica com uma camada espessa de adubo orgânico (cepilho/serragem + dejetos dos animais). Este material é negociado e vendido pelos integrados, quando não o utilizam em sua própria lavoura.
<i>dia de benzê</i>	Um tipo de ritual espiritual em que os que têm fé, serão abençoados por um membro da comunidade que domina tal poder espiritual. Acreditam que estas rezas curam, abençoam, enfim, melhoram a vida dos membros da comunidade. Inclusive há muito respeito tanto em relação aos benzedores quanto aos rituais por eles realizados.
<i>hora da reza</i>	Momento em que membros da comunidade se reúnem para alguma atividade religiosa que é realizada em uma pequena igreja (capelinha) ou outra atividade de orações em conjunto em casa ou outros espaços.



---

<i>hora do cumê</i>	Quando se referem aos horários de refeição durante o dia, normalmente em relação ao almoço ou ao jantar.
---------------------	--

Dados da pesquisa, 2016 (o autor).

Para Vanin (2009), a CdP refere-se a um grupo de pessoas que escolhem realizar atividades que os identificam, e nesse sentido compartilham práticas sociais, práticas linguísticas e variantes linguísticas que assumem significado social neste grupo, assumindo uma relação com a identidade. Percebe-se que o processo identificatório também está intimamente relacionado à CdP. Nesse sentido, nota-se que os repertórios linguísticos são dinâmicos, pois modificam dependendo do contexto e das negociações realizadas na comunidade.

Para Holmes e Meyerhoff (1999) os vínculos que ligam um indivíduo a uma CdP dependem de uma interação regular e mutuamente definida pelos indivíduos que fazem parte dela. São definidas então pela natureza do contato exigindo de seus membros qualidade na interação. Corroborando com as análises apresentadas, percebe-se que para se obter êxito em uma CdP faz-se necessário identificar as interações significantes. Estas devem ser também representativas para o grupo. Sobretudo, os processos de negociação de objetivos compartilhados devem ser muito claros para que seja feita uma real análise etnográfica do discurso e das relações sociais da CdP.

### **Sobre o método de análise e possíveis resultados**

A proposta deste trabalho consiste em descrever práticas e saberes dos indivíduos e de seus grupos sociais a partir da observação e das conversas a fim de efetivar uma análise etnográfica dos fragmentos de entrevistas já realizadas e por se realizar. De acordo com alguns autores (MARCUSCHI, 2001, 2003; RODRIGUES, 2003; URBANO, 2003), este tipo de análise consiste em compreender as especificidades das experiências vividas no dia a dia interagindo com o outro e descrevendo o que fora observado para identificar o que constitui a vida cotidiana atentando para os detalhes dela e da interação, considerando evidentemente o lugar, a localidade, o que é específico de determinada população, construído em um determinado território.

Para tanto, já se desenvolveu um estudo prévio do povoamento local, dos locais onde as famílias estão organizadas, da situação econômica dessas famílias e de suas

propriedades, enfim, várias características já foram levantadas para favorecer a análise dos dados. Isto foi feito também para não se perder o foco nas entrevistas. Tais questões próprias da comunidade de análise foram obtidas antecipadamente afim de evitar que os entrevistados conduzissem suas narrativas apenas para atender suas necessidades e intenções que, apesar de importantes, não interessam diretamente à pesquisa.

Quanto as transcrições do evento comunicativo, estas serão registradas no sistema ortográfico padrão, mantendo a forma da enunciação. A fim de normatizar o estudo e favorecer tanto a análise quanto a leitura dos dados, optou-se pela tabela de sinais de transcrição a seguir<sup>5</sup>.

Quadro 2 – Normas para transcrição <sup>6</sup>

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras e segmentos	( )	Do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	Ao emprestarem os... éh ::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição, desvio temático	---	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	┌ Ligando as └ linhas	A. na ┌ casa da sua irmã B. ┌ sexta feira? A. fizeram ┌ lá... B. ┌ cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

5 Quadro disponível no trabalho de ESSENPELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 4, março de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

6 Este referencial trata de pesquisas com populações urbanas, foi utilizado por não ser encontrado outro material que pudesse atender às especificidades das populações rurais. Apesar disso, os sinais utilizados para transcrever as conversas foram suficientes.

---

Os diálogos resultantes das entrevistas serão concebidos para fins de pesquisa acadêmica, tratando-se, portanto, de entrevistas semi-estruturadas realizadas por pesquisador, contando inúmeras vezes com conversas espontâneas. Trata-se de uma análise que possui sua especificidade por abordar determinada população rural com características muito próprias. Sobretudo, trata-se de informantes não acostumados a conceder entrevistas para fins acadêmicos.

As conversas já realizadas ocorreram nas propriedades rurais de cada entrevistado. Dependendo do nível de vínculo de confiança com o entrevistador, estas se efetivaram dentro ou fora de casa, nas instalações internas do galpão das aves, na varanda ou na “cozinha de fora” (área externa, onde ficam o fogão à lenha, os utensílios do trabalho doméstico, algumas ferramentas, a dispensa de alimentos, etc.). Quase sempre este local se destina aos visitantes não-íntimos. Destaca-se esta observação tendo em vista o contexto de cada fenômeno linguístico que se instaurou a partir das conversas e dos vínculos que são estabelecidos entre os interlocutores. Contou-se até o momento com a participação de 10 famílias de pequenos produtores rurais. O núcleo familiar é normalmente constituído por pai, mãe e filhos. Não foram encontradas famílias com mais agregados. Quem cuida das atividades agropecuárias, na maioria das vezes, são os pais, uma vez que boa parte dos filhos já moram ou trabalham na cidade. Portanto, o contato dessa CdP é maior com os vizinhos e entre o casal. Como já dito anteriormente, esta análise se pautará na AC, e para tanto serão apresentadas em trabalhos futuros fragmentos e análises das entrevistas já realizadas até o momento e das que ainda serão feitas.

### **Considerações finais**

Nos dados coletados até o momento, empenhou-se em analisar conversas (macro-enquadre “entrevista”) em que os fenômenos sociolinguísticos partiram da necessidade de um pesquisador obter informações (dados) para sua pesquisa de campo. Apesar disso, observou-se situações variadas de vínculos de solidariedade conversacional, onde os participantes compartilham de esquemas e enquadres comuns,

---

ou seja, criaram vínculos maior ou menor de confiança, o que se observou, de forma geral até o momento, foi uma boa interação comunicativa entre os interlocutores.

Considerando os contextos dos eventos linguísticos, pode-se dizer que tratou de uma situação social menos-ritualizada, tendo em vista que se efetivaram conversas por meio de entrevistas feitas por um pesquisador e não por uma instituição que poderia publicá-la, como TV, Rádio, etc. Assim, praticamente durante todo o tempo das entrevistas, percebeu-se alinhamento por parte dos interlocutores, uma vez que os papéis estavam nitidamente demarcados, nesse sentido reforça o macro-enquadre como entrevista.

Apesar do macro-enquadre entrevista, outros enquadres foram apresentados no decorrer da mesma. Considerando algumas características, houve momentos em que apresentaram enquadre de “introspecção”, tendo em vista o receio de alguns entrevistados em revelar informações que, a princípio, poderiam comprometê-los.

Em relação as sequências das entrevistas, foram organizadas de forma a perceber o que havia de compartilhamento de sentidos e significados entre a CdP, neste caso, constituída por produtores integrados de frango vinculados contratualmente com uma grande empresa de abate de aves e processamento de alimentos da Zona da Mata de Minas Gerais. Além disso, estes sujeitos também desenvolvem outras atividades agropecuárias e participam dos mesmos sindicatos, associações, igrejas, festas, etc., (com visível encolhimento de participação nesses espaços de sociabilidade formal). Possuem também inúmeros objetivos comuns (econômicos, religiosos, de práticas produtivas, de compadrio, de organização familiar, entre outros), caracterizando-se então como uma CdP.

Dessa forma, contando com a boa vontade dos entrevistados, desenvolveu-se considerável vínculo de solidariedade conversacional o que favoreceu o surgimento de respostas menos pretensiosas e, ao longo das entrevistas, poucas intervenções não necessárias para a análise. Ao invés disso, os alinhamentos favoreceram a evidência de pistas de contextualização. O clima que dirigiu as conversas foi de ajuda mútua a fim de favorecer o sucesso da pesquisa, sendo, portanto, um evento linguístico agradável e, de modo geral, caracterizado por muita solicitude. Tais análises e dados serão apresentados de forma mais aprofundada em publicações futuras em uma fase mais avançada deste trabalho de doutorado.

---

## REFERÊNCIAS

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Angélica Furtada da; COSTA, Marco Antonio; MATELOTTA, Mário Eduardo. Linguística e Linguagem. In: MARTELOTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

ERICKSON, Frederick; SHULTZ, Jeffrey. 'O Quando' de um contexto. Questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, [1981] 2002.

ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 4, março de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

GOFFMAN, Erving. *Frame analysis*. Lebanon, NH: Northeastern University, [1974] 1986.

\_\_\_\_\_. A situação negligenciada. In: Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, [1964]1998a.

\_\_\_\_\_. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, 1998b.

\_\_\_\_\_. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, [1975] 2007.

GUMPERZ, John J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HAVE, Paul. *Doing conversation analysis: a practical guide*. Londres: Sage, 1985.

---

HERITAGE, John; ATKINSON, Max. Introduction. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. *Structures of Social Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Miriam. The Community of Practice: theories and methodologies in language and gender research, *Language en Society*, n. 28, p.173- 183, Cambridge University Press, 1999.

KENDON, A. HARRIS, R.M.;KEY, M. R. (Orgs.) *Organization of behavior in face-to-face interaction*. Haia: Mouton, 1975.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2003.

MCDermott, R. P. *Kids make sense: an ethnographic account of the interaction management of success and failure in one first-grade classroom*, 1976,(Tese de doutorado), Stanford University, Palo Alto, Califórnia.

PAULILO, Maria Ignez S. *Produtor e agroindústria: consensos e dissensos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, Secretaria de Estado e Cultura e do Esporte, 1990.

PEREIRA, Maria das Graças Dias (org). *Interação e Discurso: estudos na perspectiva da Sociolinguística Interacional/Áreas de interface*. Volume Temático, Palavra 8, 2002.

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

---

TOLEDO, Gilson Soares. *Produtores integrados na Zona da Mata mineira: uma análise sobre as novas formas de sociabilidade rural*, 2012, 217, (Dissertação Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

TORMA, K.R.P. *Comunidades de Prática: uma sociolinguística responsável para o ensino-aprendizagem da língua franca Inglês como língua adicional*. In: *III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso Identidade e Sociedade*, Campinas, São Paulo, p. 1-16, 2011

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003. p. 93-116.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’, *Acta Scientiarum Language and Culture*, Maringá, v.31. n.2, p. 147-153, 2009.

WENGER, E. *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. 2012. DISPONÍVEL EM: [[https://books.google.com.br/books?id=hebzpgyukdac&printsec=frontcover&hl=pt-br&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=hebzpgyukdac&printsec=frontcover&hl=pt-br&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)]. acesso em: 5 out. 2016.

### **Crédito das imagens**

PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2003.